



Parabéns pelo mimimi

“O que está acontecendo com nossos jovens? Eles desrespeitam os mais velhos, desobedecem aos seus pais. Eles ignoram as leis. Eles se revoltam nas ruas, agem com selvageria. A moral está decaindo. O que será deles?”

Se o leitor tem mais de 30 anos, poderia, ele mesmo, ser o autor de uma dessas frases. Aos 48, venho, há tempos, repetindo a ladainha sobre “os jovens de hoje”. Mas as queixas acima são bem mais antigas: foram escritas pelo filósofo Platão, por volta de 2,3 mil anos atrás.

Seja na Atenas platônica, em janeiro de 2024 ou daqui a 10 anos, sempre pensamos e continuaremos a acreditar que nossa geração é melhor de que a atual e que nossa infância e juventude foram mais especiais. E, contra os pós-millennials, nascidos entre 1995 e 2009, costuma-se atribuir uma grave acusação: “mimizentos”.

Confesso que algumas coisas na chamada geração Z me desagradam. Acredito que, por crescerem sob a falsa alegação de que “você pode ser o que quiser”, muitos não sabem lidar com as frustrações. Mas se tem algo de que os absolvo é dessa história de mimimi.

Fui criança na década de 1980, me diverti bastante e, claro, tenho um amplo repertório de saudades. Alugar filme na locadora era muito melhor, sim. Prefiro a comodidade do streaming. Mas o imediatismo, sem dúvidas, rouba de nós a tempestade de neurotransmissores liberados no cérebro quando somos recompensados por algo difícil. Como conseguir na sexta à noite o lançamento que nunca estava disponível nas prateleiras.



G O M E Z

As músicas também julgo muito melhores, as brincadeiras ao ar livre, a sensação de que o tempo demorava mais a passar, sem tantos dispositivos eletrônicos para nos roubar as horas. Poderia defender mais “aquela época”, mas a verdade é que, hoje, escolhi ser advogada daqueles que já nasceram, como gostamos de dizer, com o celular na mão.

No meu tempo de infância e juventude, humoristas diziam que “mulher é tudo vaca”. Também se achava muito natural afirmar que o cabelo crespo era “ruim”. Me lembro muito bem de um programa infantil que ensinava a homofobia: “Olha, esse rapaz é alegre”, dizia o ator, com trejeitos ridículos.

O corpo feminino também era superexplorado na televisão, sendo o biquíni o traje-padrão das atrizes (todas elas coadjuvantes) dos humorísticos. Sim, hoje não é muito diferente quando pensamos em letras e coreografias de músicas medonhas. Mas nós ainda tínhamos os bônus: Boquinha da Garrafa, Tiazinha, Feiticeira, Banheira do Gugu — onde mulheres lutavam, seminuas, em plena tarde de sábado.

Vejo muitos comentários em perfis de nostalgia clamando que “sofri bullying e sobrevivi”, que o “politicamente incorreto não matou ninguém” e que, agora, está tudo sem graça. Como se não fossem nós, os X e millennials, campeões no uso de

antidepressivos e, por isso mesmo, chamados de “gerações tarja-preta”.

Qual a herança que deixamos ao considerar, durante décadas, as mulheres meros objetos de prazer? O crescente número de feminicídios com certeza tem, entre suas múltiplas causas, raízes na desvalorização histórica de gênero.

Hoje, os jovens são mais intolerantes com piadas e comentários que depreciam mulheres, negros, gays, trans e outras minorias. Acredito que o reflexo desse comportamento será proveitoso para as gerações futuras. Por isso, a vocês, nascidos depois de 1995, deixo os mais sinceros cumprimentos: parabéns pelo mimimi.